

# Pressões, prioridades e o esvaziamento da escola

written by Clara Boavista | 16 de Janeiro, 2026

**OCIDADÃO**  
Journalism Online

**OPINIÃO**  
Clara Boavista



Fala-se muito dos problemas da escola e da sua alegada incapacidade de responder às exigências do presente. Apontam-se programas extensos, falta de recursos, turmas numerosas ou professores exaustos. Raramente, porém, se olha para aquilo que acontece fora da sala de aula e que condiciona profundamente a forma como os alunos aprendem – ou deixam de aprender. Entre pressões familiares excessivas e prioridades que afastam os jovens do estudo, a escola vai sendo empurrada para um lugar que não lhe permite cumprir plenamente o seu papel.

Em muitos contextos, os alunos vivem a experiência escolar sob uma carga constante de expectativas familiares. A valorização quase exclusiva dos resultados, das classificações e do sucesso mensurável cria um ambiente de ansiedade permanente,

no qual o erro deixa de ser entendido como parte integrante do processo de aprendizagem. Estudar transforma-se num exercício de resistência, associado ao medo de falhar, em vez de ser um processo de descoberta e compreensão. O foco desloca-se da aprendizagem para o desempenho imediato, do desenvolvimento do raciocínio para a obtenção de resultados.

Esta pressão, frequentemente justificada pela preocupação com o futuro dos filhos, acaba por produzir efeitos contrários aos desejados. Alunos excessivamente condicionados por expectativas externas tendem a desenvolver uma relação instrumental com o conhecimento, estudando para responder a exigências e não para compreender. A escola deixa de ser um espaço de construção intelectual e passa a funcionar como um sistema de validação constante, onde o valor do aluno é medido quase exclusivamente pelo seu rendimento académico.

Paralelamente, observa-se um fenómeno distinto, mas igualmente preocupante: a desvalorização da escola por parte de alunos que priorizam atividades extracurriculares em detrimento do estudo. Desporto, música ou outras atividades desempenham um papel relevante no desenvolvimento integral dos jovens. No entanto, quando ocupam um lugar central e incontestável na organização do tempo, a escola passa a ser percecionada como secundária. Não é raro ouvir alunos afirmarem que não têm tempo para estudar porque dão prioridade às atividades que são pagas.

Esta lógica encerra um problema profundo. Ao associar valor ao custo financeiro, transmite-se implicitamente a ideia de que aquilo que não é pago é menos importante. A escola, enquanto espaço público, gratuito e obrigatório, acaba por ser desvalorizada face

a compromissos externos que, embora legítimos, não podem substituir a função estruturante da educação formal. A médio e longo prazo, esta atitude compromete a criação de hábitos de estudo, de disciplina intelectual e de responsabilidade académica.

Importa sublinhar que nenhuma destas realidades, isoladamente, explica os problemas da escola. Nem a exigência parental é necessariamente negativa, nem as atividades extracurriculares são um obstáculo ao sucesso educativo. O problema reside na falta de equilíbrio e na dificuldade em estabelecer prioridades claras. Quer por excesso de pressão, quer por desvalorização do estudo, os alunos acabam por ser afastados do essencial: aprender com tempo, profundidade e sentido.

Este cenário revela uma fragilidade coletiva em compreender o verdadeiro papel da escola. A educação não pode ser reduzida a um mecanismo de produção de resultados nem tratada como um elemento secundário numa agenda sobrecarregada. A escola existe para formar cidadãos capazes de pensar, questionar e compreender o mundo em que vivem. Esse objetivo exige tempo, continuidade, erro e envolvimento – condições incompatíveis com a pressa, a competição constante ou a fragmentação excessiva do tempo dos alunos.

As famílias devem apoiar o percurso escolar sem o transformar numa fonte permanente de ansiedade. Os alunos precisam de reconhecer que a escola não é um obstáculo aos seus interesses pessoais, mas a base que lhes permitirá desenvolvê-los com maior consistência e sentido crítico. E a sociedade, no seu conjunto, tem de assumir que a educação não é um serviço acessório, ajustável a todas as outras prioridades, mas um investimento essencial no futuro comum.

Quer por excesso de pressão, quer por desvalorização do estudo, o resultado acaba por ser o mesmo: alunos afastados do sentido profundo da aprendizagem. A escola não pode funcionar quando é reduzida a um espaço de cobrança permanente ou quando é tratada como um compromisso secundário, ajustável a tudo o resto. Recuperar o foco da escola implica reconhecer que aprender exige tempo, erro, continuidade e prioridade. Enquanto isso não for assumido de forma clara por famílias, alunos e pela sociedade em geral, continuaremos a discutir os sintomas, evitando enfrentar a causa mais incómoda: a

dificuldade coletiva em aceitar que a educação não pode competir com tudo – porque deve estar no centro da forma como pensamos o futuro coletivo.